

Resenha

Videoclipe: o elogio da desarmonia

(Thiago Soares. João Pessoa: Marca de Fantasia. 2012. 141p)

Fabrcia GUEDES¹

O livro *Videoclipe: o elogio da desarmonia* foi lanado originalmente em 2004 em formato impresso, e em 2012 foi publicado e disponibilizado gratuitamente como *e-Book* no site *e-Livre*². A obra aborda vrias nuances acerca do seu objeto de estudo. O autor Thiago Soares, atravs de doze textos, faz um trajeto histrico sobre o videoclipe, passa pelos conceitos, origem, tipologias, linguagem, discute as relaes entre imagem e msica, produo e consumo, aponta e discorre a partir de obras e artistas especficos.

Thiago Soares Doutor em Comunicao e Cultura Contemporneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), professor do Departamento de Comunicao da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e pesquisador do Programa de Ps-Graduao em Comunicao e Culturas Midiaticas da Universidade Federal da Paraiba (UFPB). Possui Mestrado Profissional em Jornalismo pela UFPB, Mestrado em Letras pela UFPE e Graduao em Jornalismo tambm pela UFPE.

No primeiro captulo *Constituintes da linguagem videocliptica* Soares inicia o texto citando Oscar Landi, Peter Weibel, Arlindo Machado e Juan Anselmo Leguizamn como estudiosos da rea que tentaram detectar as caractersticas que configuram a linguagem do videoclipe. O autor destaca que Landi coloca a colagem eletrnica como a "espinha dorsal" no apenas do videoclipe mas do vdeo. A fragmentao narrativa, a montagem rpida, a manipulao digital na artificialidade da composio imagtica, a proximidade com o vdeo publicitrio so colocados como elementos pertencentes a estrutura do videoclipe. Ainda no primeiro captulo, Soares faz um trajeto histrico passando desde a sincronizao entre msica e imagem nas

¹ Mestranda do Programa de Ps-Graduao em Comunicao (PPGC/UFPB).

E-mail: fabriciakguedes@gmail.com

² <http://www.insite.pro.br/Livros.html>

primeiras projeções de cinema no início do séc. XX, a inserção TV nos anos de 1950, o considerado "primeiro antecedente próximo do videoclipe" - *A Hard Day's Night* da banda *Beatles* - até o surgimento da *Music Television* (MTV) nos anos de 1980.

No capítulo *Videoclipe, o elogio da desarmonia* o autor destaca que a nomenclatura "videoclipe" fixou-se nos anos de 1980 e que a popularização do gênero deu-se, principalmente, através da criação da MTV. Neste capítulo Soares discute a montagem videoclíptica, colocando-a "como forma de estabelecimento daquilo que chamamos de 'elogio da desarmonia' " (p. 33). O autor coloca que a própria palavra clipe - que significa recorte, pinça ou grampo - remete ao lado comercial do gênero, onde as imagens têm um "prazo de validade". Sendo caracterizado pela montagem rápida, a relação entre o grafismo visual e rítmico tomam destaque em um videoclipe. Música, imagem e montagem (edição) são colocadas como as três forças constituintes do videoclipe que situam-se em áreas de convergência como elementos que "poderão dialogar com congruência conceitual, ora, hierarquicamente, poderão se sobrepor conceitualmente a outro elemento" (p. 38).

Em *A construção das paisagens sonoras* Soares busca compreender como o elemento musical é inserido na dinâmica do videoclipe dialogando com a imagem e edição. A música tanto é o constituinte do videoclíptico quanto é responsável pelo ritmo da montagem do mesmo. Neste texto o autor amplia suas discussões sobre as relações existentes entre música e imagem, citando videoclipes e artistas como exemplos, destacando que nessas produções nem sempre as imagens "mostram" o que é "dito" na canção. Balizado pelos autores Machado e Janotti, Soares coloca o videoclipe em um terreno de sinestesia, onde som e imagem "viram um construto a partir de idéias de paisagem sonora e de esferas de som" (p. 47).

O quarto capítulo *Híbrido, transtemporal e neobarroco* remete ao videoclipe como um gênero pós-moderno angariado na ideia do hibridismo. O videoclipe tem características do cinema, da televisão e da publicidade, sua linguagem não tem necessariamente uma especificidade, sendo sustentada pelo caráter híbrido. Soares aponta o videoclipe como um fenômeno cultural transtemporal onde "O presente é uma articulação entre como este passado é visto e como o passado gostaria de ser visto" (p.51), colocando, ainda, que o clipe é tipicamente pós-Pop Art e mescla as experiências cotidianas e as formas artísticas. O autor encerra o capítulo sugerindo que o videoclipe

remete ao que Calabrese coloca como prazeres neobarrocos, com o desejo da completude mas tudo que o mesmo pode oferecer é o incompleto.

Soares inicia o capítulo *Bakhtin, gênero e MTV* recorrendo ao conceito do pensador Mikhail Bakhtin acerca de gênero. O gênero, para Bakhtin, é fruto de elaborações de tipos relativamente estáveis de enunciados, e o videoclipe, como coloca Soares, configura-se no gênero audiovisual a partir desse conceito. A partir dos princípios bakhtinianos, o autor coloca que o videoclipe não pode ser pensado fora da esfera da MTV, assim como a MTV não pode ser pensada fora do conceito de pós-modernidade. A estética do videoclipe foi determinante para que a emissora fosse inserida na dinâmica do pós-modernismo quebrando as barreiras entre o gênero publicitário, jornalístico e artístico. A MTV e o videoclipe fazem parte de uma dinâmica onde a linguagem está ligada ao modo como os meios de comunicação articulam a produção e criação de sentidos e efeitos que originam novas subjetividades sociais.

A música pop e o videoclipe são colocados como articulados pelos princípios da polifonia bakhtiniana, onde as nuances polifônicas do videoclipe permitem a pluralidade de vozes "a polifonia não consiste num mero aparecimento de um representante de um determinado grupo, mas na elaboração de um cenário textual em que se promova a orquestração das vozes e a integração entre elas" (p. 63).

No capítulo *Atualizando as tipologias do videoclipe* Soares aborda o videoclipe a partir das perspectivas de dois estudiosos do gênero: Andrew Goodwin e E. Ann Kaplan. Goodwin situa o videoclipe pelo viés acadêmico, estabelecendo elos entre a linguagem videoclíptica e o desenvolvimento da MTV, para o autor o clipe deve ser pensado no trânsito na música pop, privilegiando o olhar sobre o gênero através da sinestesia, da evocação imagética a partir da canção, da dança e da estetização gráfica videográfica. E. Ann Kaplan trata o videoclipe na esfera cinematográfica elencando-o em cinco categorias: romântico, socialmente consciente, niilista, clássico e pós-moderno. No decorrer do capítulo Soares amplia a discussão acerca das tipologias do videoclipe a partir da categorização de E. Ann Kaplan.

O sexto capítulo *Pressupostos do estilo em videoclipe* inicia-se com uma discussão onde o clipe é compreendido como um produto inserido numa lógica de produção e consumo, de uma existência social dinâmica que articula o videoclipe entre o cinema - em sua configuração de linguagem - e a publicidade - em sua estética de

produtos feitos para consumo. Nesse texto, Soares aborda o videoclipe em seu viés cinematográfico onde tanto o clipe bebe na fonte do cinema, quanto o cinema inspira-se no clipe. As obras cinematográfica e videoclíptica dos diretores Michel Gondry e Spike Jonze são colocadas em destaque para discutir essa amálgama entre os dois gêneros.

No capítulo *O "artístico" e o "comercial": um amálgama* Soares discute a classificação entre videoclipes "comerciais" e "artísticos", o primeiro sendo vinculado a linguagem mais publicitária, *mainstream*, e o segundo a uma linguagem cinematográfica, mais alternativo. O autor propõe uma discussão que elimine essas fronteiras entre os dois conceitos, visto que ambos habitam uma esfera de consumo, e remontam-se à lógica do capitalismo. A cantora *Kylie Minogue* é citada como exemplo de uma artista mais "comercial" que produz clipes mais "publicitários", mas que também realiza produções mais "artísticas". Soares coloca que "o clipe tem o poder de gerar o conceito acerca do produto (no caso, o artista de música pop) e, deixando a bipolaridade conceitual de lado, podemos perceber que aquilo que rege os extremos entre o "artístico" e o "conceitual" são sumariamente amalgamados" (p. 92). O videoclipe carrega uma noção de objeto de consumo, de um produto imagético que configura-se no construto da obra de um determinado artista.

O capítulo *Experiência brasileira: a Conspiração* fala sobre como a disseminação e produção de videoclipes foram fortalecidas no Brasil, Soares pontua a chegada do *Video Music Brasil (VMB)* - evento que premiava profissionais e artistas que produziam videoclipes no Brasil -, que estreou em 1995 na MTV, como responsável por esse cenário. O autor destaca a empresa de produção audiovisual Conspiração, que ganhou visibilidade ao ser premiada no VMB, como uma das mais importantes produtoras do país. Neste capítulo Soares nos apresenta produções realizadas pela Conspiração, discute alguns desses trabalhos, como o clipe *Segue o Seco* da cantora Marisa Monte, bem como a obra de alguns profissionais da empresa. A Conspiração é tratada pelo autor como uma empresa que além de articular uma proximidade entre o cinema e a publicidade em suas produções, problematiza a questão da representação da identidade brasileira na pós-modernidade.

O nono capítulo *As imagens afetivas no videoclipe* aborda a utilização de vídeos pessoais e familiares no discurso videoclíptico. Soares inicia uma análise acerca da fotografia buscando compreender a origem da relação afetiva que o indivíduo

desenvolve com essa imagem fotográfica. Ao discorrer sobre a imagem pessoal/familiar como uma imagem de memória o autor destaca duas subcategorias, os retratos - os objetos sabem que estão sendo registrados - e as imagens situacionais - os objetos não olham diretamente para câmera, não sabemos ao certo se eles têm consciência que estão sendo fotografados. O autor ainda aponta "sintomas" de amadorismo como marcas estéticas dessa imagem pessoal/familiar.

No âmbito do videoclipe Soares nos mostra a aplicação dessa imagem pessoal/familiar a partir do exemplo de três clipes nacionais - Epitáfio da banda Titãs, No Recreio da cantora Cássia Eller e Diário de Um Detento do grupo Racionais MCs. A imagem pessoal/familiar é colocada como um elemento silenciador dentro do barulho da imagética midiática contemporânea. O autor finaliza o capítulo salientando que "No videoclipe, as imagens videográficas afetivizam a diegese narrativa sendo capaz de servir de "freio" e de forma de desautomatização do espectador" (p. 118-119).

Em *O videoclipe no alvo da moda* Soares trata a moda enquanto codificação de gênero, conceito, colocando-a sob a prisma da dualidade entre o "comércio" e a "arte", colocação exposta acerca do videoclipe nos capítulos anteriores. O autor compreende a roupa como código cultural que dialoga com quem a veste e onde ela atua, ou seja, como a roupa encena com o artista, a música, o universo ficcional, em todo o videoclipe. No decorrer do capítulo a moda, e seu processo de geração e significados, é discutida a partir da obra videoclíptica da cantora Madonna. Balizado por autores que publicaram estudos sobre a cantora, como Andrew Goodwin, E. Ann Kaplan, Douglas Kellner e Camille Paglia, Soares situa Madonna no conceito de pós-modernismo como artista pop de várias máscaras e facetas, que cria novas categorias, que brinca com os gêneros reinterpretando-os, resignificando-os, onde a moda coloca a cantora nesse terreno de instabilidades.

No capítulo final *Para analisar um videoclipe* Soares propõe uma sistemática de análise de vídeos. Como pontapé inicial o autor sugere um ensaio de interpretação de um obra audiovisual elencando algumas normatizações interpretativas do gênero. Em seguida Soares pontua questionamentos que norteiam uma sistemática de análise videoclíptica. Para finalizar o autor coloca que "analisar um videoclipe é impor uma série de limites que visam orientar tal análise para a construção de uma articulação

profícua entre os sistemas de representação do artista, dos conceitos gerados por este artista e do mundo" (p. 138).

Videoclipe: o elogio da desarmonia aborda várias nuances do videoclipe. Com poucas obras sobre o tema, principalmente em português, o livro configura-se de grande relevância para os pesquisadores da área. Thiago Soares traz textos que abordam o universo videoclíptico desde teorias, conceitos, origem, linguagem, tipologias, indústria, entre outros aspectos mais específicos. O autor apresenta suas ideias através de um texto que dialoga entre o acadêmico e o crítico, conseguindo imprimir um estilo/espírito crítico cultural, o que torna-se um fator positivo que funde-se muito bem com as análises que Soares faz de alguns videoclipes e artistas no decorrer do livro. A obra é expressa-se de grande importância para compreensão do videoclipe como manifestação cultural da cultura contemporânea.